



ACADEMIA TOBIENSE DE LETRAS E ARTES - ATLAS
Patrono: Tobias Barreto de Menezes
Presidente: Tancredo Wanderley de Carvalho Filho
e-mail: academiatobiensedeletras@gmail.com
site <https://academiatobiensedeletras.org.br>

ATLAS uma história da História de um povo!

por Tancredo Wanderley de Carvalho Filho



O movimento artístico e literário tobiense transcende em, pelo menos, quatro séculos o momento incólume, que no dia seis de dezembro do ano de dois mil e doze, culminou na fundação da Academia Tobiense de Letras e Artes - ATLAS.

Nos idos de 1570 os jesuítas tinham preparado o terreno para a adentrar de forma pacífica nas terras banhadas pelo Rio Real, por meio de suas missões levavam o Evangelho e a Salvação aos nativos e, assim, os índios dos Campos do Itanhy dos Índios, do Geru e de muitas outras tabas em terras banhadas pelas águas do Rio Real, eram conquistadas pela igreja para a civilização^{1, 4, 11, 12}.

No entanto, o colono tinha outros interesses que não a cristianização dos nativos, eles eram movidos pela cobiça, pela ganância; o novo mundo despertava nos colonos o desejo nefasto de possuir cada vez mais terras, mesmo que isso custasse milhares de vidas dos tupinambás, massacrados pela violência, pelo sentimento de vingança e pelas artimanhas de alguns da Bahia^{4, 11, 12, 15}.

Foi assim, nesse burburinho, que nasceu nas terras do morgado de Belchior Dias Moreya "CARAMURU"^{1, 4, 6, 11, 12, 13}, mais precisamente nas congruências dos Rios Jabiberi e Traripe, onde o próprio Belchior Dias Moreya havia construído uma Capela em honra a Nossa Senhora^{1, 4, 15}, na taba dos Campos do Itanhy dos Índios, aldeia habitada por índios Kirirys que haviam sido catequizados pelos padres Jesuítas^{1, 4, 8, 12}.

Tobias Barreto, desde os tempos mais remotos da sua história, quando ainda era a aldeia Paraíso um acesso seguro ao mocambo dos palmares de Itapicuru – Ba^{2, 4, 11}, por volta de 1640, já nutria auspícios da intelectualidade; a aldeia Paraíso abrigava em convivência pacífica negros, índios e mamelucos, em uma época em que o poder temporal da igreja delimitava as fronteiras do mundo, conquistava e cristianizava os povos nativos e os negros, ao mesmo tempo em que consentia a barbárie.

Neste ambiente de tranquilidade e paz, onde a brisa suave, tangida pelos ventos, oriunda das águas mansas dos rios Traripe e Jabiberi, propicia uma paisagem aconchegante para os viajantes, negros fujões e aventureiros. Forma-se uma prodigiosa trilha por onde passavam os tropeiros vindos da Bahia e de Pernambuco, e que sobre os lombos de suas mulas e jumentos transportavam o progresso do sul ao norte e vice-versa; é que nos idos de 1650 a povoação de Campos do Itanhy dos Índios passa a chamar-se Passagem da Igreja ou do Rio

Real e que mais tarde, em 11 de abril de 1718, surgiria a freguesia de Nossa Senhora dos Campos do Rio Real de Cima^{1, 4, 10}.

Neste rincão dos sertões do Rio Real, em 1664, nascia o primeiro erudito do Vale do Rio Real, Frei Ângelo dos Reis (faleceu em 1723), sacerdote da Companhia de Jesus, que em Salvador exerce o ministério como pároco auxiliar do Padre Antônio Vieira, exímio orador sacro. O segundo foi o padre Joaquim Antão Vieira Dantas. Ele fundou uma fazenda cujo nome era “Fazenda Nossa Senhora dos Campos” na região onde hoje está localizada a cidade de Tobias Barreto^{1, 4, 7}.

Tempos depois nascia na freguesia de Campos, o “filósofo da natureza” Antônio Moniz de Souza e Oliveira (1782-1857), que além de vaqueiro, exerceu diversos ofícios como: comerciante, capitão de ordenança, militar, donato, auxiliar de viagem, enfermeiro, botânico, administrador de dispensa de convento, porteiro, raizeiro, viajante público, missionário, naturalista, tendo contribuído nos campos da botânica, da zoologia e da mineralogia brasileira nos anos oitocentos, primo do genial Tobias Barreto de Menezes^{4, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 15}.

Nos anos seguintes a freguesia de Nossa Senhora dos Campos do Rio Real de Cima transforma-se em um efervescente celeiro cultural até que em 07 de junho de 1839 nasce aquele que se tornaria o maior ícone na história brasileira, o Jurista, filósofo, escritor, poeta, professor, crítico literário, político, humanista, um verdadeiro gênio, inigualável em seus pensamentos, anos-luz à frente de seu tempo: Tobias Barreto de Menezes^{1, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13}.

Passados 422 anos deste que a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo foi fincada nestas terras e a debalde de todas as desventuras que nos sobrevieram, Campos continua sendo o caldeirão intelectual do Vale do Rio Real, com expressões artísticas das mais variadas. Encontramos no município todos os tipos de manifestações populares do maculelê ao Rave. Os mais jovens curtem aos finais de semana o Sarau de Fora, um movimento jovem que mistura poesia, música, arte, rebeldia e descontração que ocupa as Praças, a cada semana um local diferente onde eles, os jovens, são os protagonistas.

As manifestações artísticas afloram nos quatro cantos da municipalidade, grupos musicais, bandas, cantores, cordelistas, poetas, escritores, cronistas e artistas plásticos, dão continuidade ao cabedal literocultural de nossa gente e constroem a nova história cultural de Tobias Barreto bem ao estilo do inigualável Tobias Barreto de Menezes, o gênio da humanidade, um campense inquieto, um polivalente, um homem de seu tempo, mas bem à frente dos demais, que se lançava a experimentar o novo, a ousar, o explorar o inexplorável.



E foi ousando que nasceu a Academia Tobiense de Letras e Artes - ATLAS, com o intuito de fazer a diferença, de auxiliar o movimento literocultural a se aparelhar, a ter vez e voz, a lutar de forma organizada em conjunto com as demais entidades que constituem a sociedade tobiense, a fim de promover e fomentar a cultura em todas as suas nuances.

O que outrora fora um sonho de intelectuais desta magnânima, generosa e vibrante cidade divisa, não só de Estados, como também da cultura, tornou-se realidade. A fundação desta distinta Casa trouxe um novo afã às coisas da cultura e da arte na nossa comunidade. Através dela estão sendo disseminadas a

cultura da língua, da literatura e da arte nacional, regional e especialmente local, bem como fomentadas nos jovens e naqueles que têm aptidão para eternizar as passagens, a imaginação, a criação ou a memória como expressão de nossa grandeza cultural e artística, na incessante busca por enobrecer ainda mais esta terra, manter, erguendo dentro dela, o fanal humano, sendo este nada mais que o saber.

O sustentáculo principal desta academia está nos princípios que nortearam as vidas de Antônio Moniz de Souza, José Rodrigues da Silva e Tobias Barreto de Meneses, entre tantos outros Campenses ilustres – o amor a Deus, à família, à Pátria, a seriedade, a busca incessante pelo conhecimento, a perseverança, a paciência, a humildade, a criatividade, a coerência e a hombridade, elementos sem os quais nenhuma instituição se mantém em pé.^{4, 9, 13, 14, 15}

Referências

1. HISTORIA DE SERGIPE - 1575-1855. Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire. 1891.
2. STUART B. SCHWARTZD – Mocambos, Quilombos e Palmares: A Resistencia no Escrava Brasil Colonial. Departamento de História da Universidade de Minnesota – EUA. 1970. Tradução de Laura Teixeira Motta, do original "Slave Resistance in Colonial Brazil"
3. BARBOSA. Aderbal Correia. Tobias Barreto, a Terra e a Gente; pág. 21; 24; 26.
4. NETO. Elias Felipe. Tobias Barreto, Minha Terra. Tobias Barreto – SE, 2010.
5. Mott, Luiz Roberto de Barros. Sergipe del Rey; população, ecorionia e sociedade. Aracaju, Fundesc, 1986.
6. NUNES, Maria Thétis. Sergipe colonial II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 4 ed., 1996
7. GUARANÁ, Armindo. Dicionário Biobibliográfico sergipano. Aracaju: Governo de Sergipe, 1925.
8. MARCOS Antônio de Souza. MEMÓRIA SOBRE A CAPITANIA DE SERGIPE
9. SOUZA, Antônio Moniz de. Viagens e Observações de um brasileiro. Rio de Janeiro, 1834.
10. NUNES, Maria Thétis. Sergipe Colonial I.
11. História do Brasil (1549-1762). Frei Vicente do Salvador. SENADO FEDERAL, 2010
12. Fragmentos de histórias municipais e outras histórias. Sebrão Sobrinho. Aracaju, 2003.
13. TOBIAS BARRETO, O DESCONHECIDO. Gênio e Desgraça. Sebrão Sobrinho. Aracaju, 1941.
14. LEITURAS DE UM VIAJANTE PÚBLICO (1812-1846): O HOMEM DA NATUREZA BRASILEIRA, SEUS MUNDOS E OS OUTROS. Manoel Ribeiro Andrade, São Cristóvão, Sergipe – Brasil 2017
15. SANTANA. Adeilson Nogueira, ANTÔNIO MUNIZ SERGIPANO, TOBIENSE, HERÓI E ANTIESCRAVISTA.